

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE**  
**PÓS-GRADUAÇÃO EM DISTÚRBIOS DO DESENVOLVIMENTO**

**INTERAÇÕES ENTRE MÃES E SUAS CRIANÇAS DEFICIENTES: UMA**  
**PROPOSTA DE ANÁLISE SEGUNDO A TEORIA DA**  
**INTERSUBJETIVIDADE INATA**

**Aline Giovanne Vedovato**

**São Paulo**  
**2007**

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE  
PÓS-GRADUAÇÃO EM DISTÚRBIOS DO DESENVOLVIMENTO

INTERAÇÕES ENTRE MÃES E SUAS CRIANÇAS DEFICIENTES: UMA  
PROPOSTA DE ANÁLISE SEGUNDO A TEORIA DA  
INTERSUBJETIVIDADE INATA

**Aline Giovanne Vedovato**

Dissertação apresentada como exigência parcial  
para obtenção do Grau de Mestre em  
Distúrbios do Desenvolvimento sob orientação  
do Prof. Dr. Geraldo A. Fiamenghi Jr

**Grupo de Pesquisa:** MID Grupo de Pesquisa  
sobre Marginalização e Inclusão Social e  
Escolar da Pessoa Deficiente

**Projeto:** Relações Escolares e Familiares das  
Pessoas com Deficiência

**São Paulo**  
2007

## RESUMO

VEDOVATO, A. G. *Interações entre mães e suas crianças deficientes: uma proposta de análise segundo a teoria da Intersubjetividade Inata*. 2007. 72 f. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

Este estudo teve como principal objetivo compreender como acontecem as interações entre mães e seus filhos deficientes, através do embasamento da teoria da Intersubjetividade Inata, assim como investigar nas diversas situações do cotidiano das mães e das crianças as maiores dificuldades enfrentadas por ambos nessa interação. Participaram dessa pesquisa quatro mães com seus filhos, com idades entre 1 e 2 anos e com diagnóstico de alguma deficiência. Os dados foram coletados através de filmagens realizadas nas casas dos participantes, em três situações diferentes: alimentação, banho/higiene e recreação. As filmagens foram analisadas posteriormente quadro a quadro e como resultado foi percebido que as interações que ficam comprometidas podem dificultar o desenvolvimento físico e emocional da criança, como também pode influenciar no aparecimento de sintomas psicofuncionais e psicopatológicos, tanto nas mães como em seus filhos. Espera-se que esse trabalho possa contribuir no acréscimo do conhecimento sobre o tema, servindo como incentivo para outros profissionais e pesquisadores ampliem o assunto.

**Palavras-chave:** Interação, Intersubjetividade Inata, Mãe e Crianças Deficientes

## ABSTRACT

VEDOVATO, A. G. *Interactions between mothers and their disabled children: Analysis according to the theory of Innate Intersubjectivity*. 2007. 72 f. Master (Distúrbios do Desenvolvimento) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

This study aimed to understand how interactions between mothers and their disabled children take place, based upon the theory of Innate Intersubjectivity, as well as to investigate main difficulties they faced in their daily activities. Four mothers and their children (aged between 1 to 2 years old) with some sort of disability participated in this research. Data were collected through video recordings in three different situations: feeding, bathing, and playing, in the participants' homes. Videos were analyzed frame-by-frame and results showed that hindrances in interactions may cause difficulties in the child's physical and emotional development, as well as influencing the origin of psychofunctional and psychopathological symptoms in mothers and children. It's expected that this research may contribute to the increase of knowledge about the topic, motivating other professionals and researchers to its extension.

**Keywords:** Interaction, Innate Intersubjectivity, Mother and Disabled Child

## 1- APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA

A escolha por estudar esse tema se confunde em minha história de vida, pois durante minha formação pessoal convivi de perto com essa realidade, já que tenho uma irmã com deficiência e posteriormente na minha vida acadêmica e profissional também não foi diferente.

Assim, já na minha graduação do curso de Psicologia, participei de um projeto de pesquisa que fazia parte de um projeto de extensão chamado **Integração Social de Portador de Necessidades Especiais**, que tinha como objetivo o atendimento de crianças com necessidades especiais, a fim de lhes fornecer subsídios afetivo, emocionais, psicopedagógicos para que estas tivessem condições de se integrar com mais facilidade na sociedade.

O projeto constituía-se de uma proposta de intervenção, através de treinamento específico, visando em última instância, verificar se a estimulação precoce acelera o desempenho de crianças com atraso nas áreas de cognição, linguagem, desenvolvimento motor, autocuidados e estimulação infantil, contribuindo para uma melhora na qualidade de vida dos indivíduos com necessidades especiais e provavelmente em uma melhor aceitação deles no meio familiar e social.

Neste projeto de pesquisa, recebia auxílio bolsa PIBIC-Unaerp.

Através desse trabalho, a identificação e o amor por essa área de atuação, tornaram-se mais interessantes, o que me levou a querer estudar e pesquisar mais esse tema.

Nessa experiência através dos atendimentos às crianças deficientes constatei que o relacionamento das crianças e seus pais, é sobremaneira algo especial. Pude então levantar indagações sobre como se estabelece o vínculo e como se dá à interação entre pais e suas crianças especiais.

E posso dizer que tenho aprendido (e ainda tenho muito a aprender) com cada criança e com sua família. Tudo isso me fez refletir a respeito do papel da psicologia e do ser humano a respeito da questão da deficiência, pois quando uma família recebe o diagnóstico de que terá um filho deficiente, todos sofrem as implicações desse problema e da dificuldade que isso pode acarretar.

Assim, o psicólogo deve contribuir e perceber quais as necessidades psicológicas frente à situação, agindo de modo a amenizar e facilitar o enfrentamento das dificuldades, valorizando as peculiaridades de cada caso.

Dessa forma, ingressei no mestrado da Universidade Presbiteriana Mackenzie, e a pesquisa que desenvolvi teve por objetivo continuar o percurso já iniciado, ou seja, tentar compreender como se estabelece o processo de interação entre mãe e sua criança deficiente.

As relações afetivas entre crianças e suas mães são tema de inúmeras pesquisas e de preocupações de educadores e psicólogos, pelas conseqüências posteriores ao desenvolvimento das interações sociais das crianças com o mundo.

Assim, desde 1944, com o trabalho de Freud e Burlingham (1973), sobre os efeitos do abandono no desenvolvimento afetivo das crianças, passando pelas discussões sobre *attachment*, propostas por Bowlby (1965), incluindo as pesquisas de Harlow (1958) sobre afetividade em macacos, muitos caminhos têm sido seguidos na consideração da influência das relações mãe-criança em seu desenvolvimento posterior.

Schore (1994) explica que o primeiro relacionamento do bebê, geralmente com a mãe, possui uma intensidade emocional muito significativa, o que contribui para a auto-regulação da mente do bebê.

Beebe (1982) descreve um processo de organização temporal e de co-ação (agir conjuntamente) nas interações mãe-bebê, com uma expressão afetiva entre os dois. Existe uma qualidade recompensadora especial, uma valência nas relações afetivas entre bebê e mãe (Fiamenghi, 1997a).

Stern (1985) descreve estados subjetivos (sentos de *self*) já presentes no nascimento e os considera fundamentais para as relações interpessoais cotidianas.

Murray (1992) estudou o efeito da depressão pós-parto nas relações entre mães e seus bebês, concluindo que as dificuldades comunicativas das mães em relação aos filhos podem ter conseqüências significativas no desenvolvimento sócio-afetivo e cognitivo das crianças.

As pesquisas de Trevarthen (1974, 1979, 1984, 1993a, 1993b) concluem que existe uma característica fundamental nos seres humanos, denominada

intersubjetividade, definida como uma habilidade inata para compartilhar estados subjetivos.

A intersubjetividade pode ser verificada nos estudos sobre imitação neonatal, como os realizados por Meltzoff (1985), Meltzoff e Moore (1989), Kugiumutzakis (1993) e Nagy e Molnár (1994), somente para citar alguns.

O conceito de intersubjetividade é importante para a compreensão do desenvolvimento infantil, pois ele auxilia-nos a perceber o recém-nascido como um ser motivado, não um ser caótico, com comportamentos compostos apenas por reflexos (Fiamenghi, 1999).

Portanto, pode-se afirmar que o desenvolvimento emocional é um processo muito especial, porque é pelas emoções que as pessoas expressam seus sentimentos e suas relações com o ambiente: sendo que as emoções não são apenas produtos do desenvolvimento: elas regulam o processo de desenvolvimento e aprendizagem (Fiamenghi, 1997b).

Quando consideramos as relações de mães e seus filhos com algum tipo de deficiência, percebemos que as circunstâncias se modificam radicalmente, devido às dificuldades enfrentadas pelas mães, desde a maneira pela qual é dada a notícia da deficiência, passando pelos tipos de deficiência e pelas maneiras de se lidar objetiva e subjetivamente com elas (Bailey et al, 1999; Pelchat et al, 1999; Glasscock, 2000; Kerr & McIntosh, 2000; Darraht, Evans, & Adkins, 2002, Marchese, 2002; Ortiz, 2005; Rodrigues, 2005).



No entanto, a maioria dos trabalhos refere-se a entrevistas, questionários e testes realizados com mães de crianças deficientes. Situações observacionais diretas do cotidiano das mães e suas interações com as crianças não têm sido relatadas na literatura especializada.

Contudo, observações diretas de interações mãe-criança, são meios poderosos de se avaliar como essas mães lidam com situações cotidianas de sua vida com uma criança deficiente.

As razões já mencionadas acima, ou seja, o fato da escassez de estudos que envolvam observações diretas entre os bebês e suas mães, assim como a importância deste tema na compreensão do desenvolvimento das crianças com deficiência justifica este estudo que poderá colaborar na análise das variáveis envolvidas na compreensão dos processos interativos entre mães e seus bebês deficientes.

Concluindo, a análise das interações precoces e dos comportamentos compartilhados pelos bebês com deficiência e suas mães tem-se mostrado um instrumento muito rico na intervenção psicológica, na dinâmica familiar, possibilitando a detecção precoce de conflitos relativos a própria interação entre a mãe-bebê, favorecendo a interpretação, e contribuindo para prevenir distúrbios do vínculo com suas conseqüências no desenvolvimento da criança e no aparecimento de sintomas psicofuncionais e psicopatológicos.

## 2- INTRODUÇÃO

### 2.1 Intersubjetividade

A Psicologia, assim como seus principais autores, concebeu durante muito tempo a idéia de que o bebê recém-nascido teria um repertório muito limitado de respostas emocionais, sendo esses bebês também incapazes de manter qualquer tipo de comunicação com outros bebês da mesma idade.

Com o avanço em estudos nessa área, tais teorias passam a ser questionadas e alguns pesquisadores começaram a considerar o relacionamento dos bebês com outras pessoas como uma manifestação da chamada intersubjetividade – uma capacidade psicológica inata para reconhecer e comunicar-se com os estados psicológicos de outros indivíduos, ou seja, a idéia de que os seres humanos estão necessariamente em relação e sejam mutuamente influenciados ( Fiamenghi, 1999).

Para Fiamenghi (1999, p.32), podemos dizer que a intersubjetividade “é importante para a compreensão do desenvolvimento infantil, pois ele nos auxilia a perceber o recém nascido como um ser motivado, não um ser caótico, com comportamentos compostos apenas por reflexos”. Para o autor, a compreensão de que os bebês possuem uma vida mental é recente, assim como a idéia de que os bebês estão equipados e motivados para uma vida social.

Ainda de acordo com o autor mencionado acima, demais autores enfatizaram profundamente a visão do inter-relacionamento humano. Entre estes

autores, destaca-se Trevarthen (1974, 1984, 1987, 1990, 1993), que define essa visão mediante suas análises do relacionamento mãe-bebê:

A intersubjetividade primária foi definida como as experiências imediatas de compartilhar estados subjetivos (Trevarthen 1979), e a intersubjetividade secundária, como a busca para compartilhar experiências sobre os eventos e as coisas (Trevarthen & Hubley, 1978). De acordo com Trevarthen (1993a), encontros intersubjetivos tornam-se interações psicológicas entre os indivíduos (p. 126).

Fiamenghi (1999, p. 33), descreve que “estamos apenas começando a compreender que os bebês possuem uma vida mental dinâmica, estando bem equipados para serem introduzidos na vida social e desejosos de participar dela”. Dessa maneira, o bebê nasceria pronto para intercâmbios intersubjetivos.

Sabe-se que ainda são recentes estudos que relatam que bebês podem apresentar problemas psicológicos. Isso fica evidente se pensarmos que um bebê pode recusar o seio, evitar trocas de olhares, regurgitar o alimento e até apresentar estados de tensão e de agitação: “esses são sintomas de angústia psicológica que só compreendemos interrogando os mal-estares compartilhados com a mãe” (Cramer, 1993, p.3).

Pesquisas associadas à fala, à linguagem e à habilidade de apreender de uma criança vêm sendo investigadas apontando indícios cada vez maiores de que as qualidades dos cuidados familiares proporcionados à criança a partir de seu nascimento influenciam enormemente na qualidade do desenvolvimento dessa criança. Assim também, a forma como os pais interagem com essa criança, influenciará no sucesso com que atuarão em todas as suas relações posteriores.

O repertório do comportamento social da criança sofre dramáticas mudanças durante os primeiros meses de vida. Por volta dos dois meses crianças começam a monitorar e dar uma reciprocidade a seus companheiros mais íntimos. Também por volta desta mesma idade, crianças começam a imitar gestos e expressões faciais das pessoas. Esses padrões de relações é que vão propiciar o desenvolvimento da intersubjetividade da criança, explicada aqui como uma sensação de experiência compartilhada entre as pessoas, considerada o berço da emergente cognição social.

Corkum (1998, p. 29) enfatiza que “não é considerado nenhum exagero sugerir que toda experiência intrinsecamente humana seja em sua natureza compartilhada”, reforçando a idéia da influência da interação no desenvolvimento.

Acompanhar o crescimento de um bebê é simplesmente maravilhoso, sendo possível observar que o desejo dos pais em relação a seus filhos é fazer com que eles se sintam bem consigo mesmos e que saibam comunicar o que sentem e experimentam (Devine, 1993).

A comunicação entre a mãe e a criança pode acontecer de múltiplas formas: através das expressões faciais, do olhar, dos movimentos corporais, dos gestos, da fala, da escrita, e até mesmo através do choro. Dessa maneira, as formas como os pais cercam o filho de cuidados, a maneira como falam com ele, guiam-no, ensinam-no, vai ser, em grande parte, aquilo que ele será quando se tornar adulto (Devine, 1993).

A forma como será estabelecida essa interação irá afetar de modo positivo ou negativo os sentimentos e a auto-estima da criança.

É possível afirmar que o destino das crianças se forma no berço. Já ao nascer, o bebê é envolvido numa complexa rede de desejos e interdições, e precisa trabalhar para corresponder ao papel que os pais esperam dele. Ou seja, a profissão de bebê não é fácil (Cramer, 1993).

Desta forma, a chegada de um bebê pode ser motivo de grande alegria, mas pode também provocar apreensão, até mesmo ódio, principalmente quando os fantasmas que habitam o inconsciente da mãe rondam a criança. Se admitirmos que os bebês não nascem uma tabula rasa, mas que podem apresentar problemas psicológicos, como estados de tensão e agitação, podemos entender variáveis que podem dificultar diretamente o vínculo entre a mãe e esse bebê.

Estas questões abordadas por estes autores comprovam que o bebê é um ser que reage ao ambiente concordando com a existência de uma intersubjetividade, ou seja, com uma capacidade psicológica inata de comunicação e reconhecimento dos estados psicológicos das pessoas que cuidam dos mesmos.

## **2.2 A comunicação entre bebês e suas mães**

Uma importante evolução da pesquisa contemporânea referente ao desenvolvimento psicológico foi a compreensão de que mãe e filho formam um sistema interacional, cujos comportamentos são afetados reciprocamente.

Estudos em várias partes do mundo têm demonstrado que as habilidades desenvolvidas por bebês estão relacionadas com a interação materna.

Até recentemente, a maioria dos muitos estudos sobre interação mãe-bebê examinaram fatores referentes ao papel da mãe neste processo, enquanto menos atenção foi dada às contribuições da criança (Bosa & Piccinini, 1994). Além disto, muitos pesquisadores não se preocuparam com a questão da reciprocidade na interação, talvez em função dos estudos de pioneiros como Spitz (1965/1998), que por vezes descreviam o bebê como um ser passivo. Considerando a bidirecionalidade como inerente ao conceito de interação, este processo tem sido entendido mais recentemente como tendo base em um sistema de comunicação, caracterizado por seu ritmo, sincronia, ajuste mútuo e, sobretudo, reciprocidade (Carvalho, 1988; Tronick, 1989).

Segundo Spitz (1979), a reciprocidade mãe-bebê é um processo não verbal, complexo e significativo, de influência mútua, incluindo um diálogo afetivo de duas vias, indo além da ligação do filho à mãe e desta ao filho. Ainda, segundo o mesmo autor “cada um deles é o complemento do outro e, enquanto a mãe fornece o que o filho necessita; esse por sua vez fornece o que a mãe necessita” (1979, p.97).

Winnicott (1975, p.99), por sua vez, destaca que “não existe tal coisa chamada bebê”, enfatizando a idéia de que toda compreensão sobre o lactente deve incluir necessariamente a compreensão da figura materna.

Bowlby (1995) também ressaltou como os autores anteriores, as relações entre o vínculo mãe/criança. Ele realizou estudos sobre os distúrbios ocasionados pela separação precoce materna e descobriu que há um prejuízo no pensamento abstrato das crianças abandonadas que pode desencadear dificuldades cognitivas e

afetivas, incluindo dificuldades de relacionamento. Essas últimas manifestações podem manifestar-se através da superficialidade nos vínculos afetivos. O termo 'interação' foi empregado por John Bowlby, em 1958, em seu ensaio chamado *The nature of the child's tie to his mother*.

Bowlby (1969/1984), destacou em sua teoria a importância de se estudar o apego mãe-bebê. Ressalta que o apego reside nas suas conseqüências para o desenvolvimento emocional da criança e, em particular, para a sua socialização. A teoria do apego constitui-se num dos enfoques mais expressivos no estudo do processo de interação mãe-bebê e tem sido um dos mais utilizados em nosso grupo de pesquisa. Para Bowlby, os comportamentos que compõem um dado padrão de apego operam segundo um 'modelo interno de funcionamento', construído a partir da relação com a figura de apego no início da vida e guiam as relações futuras. O apego envolve uma relação de cunho afetivo para com a mãe, que leva o bebê a procurar a presença e conforto maternos, particularmente, quando se sente assustado ou inseguro (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978). Segundo a concepção etológico-evolucionária da teoria do apego, o bebê nasce com certas tendências instintivas (comportamentos de sugar, mamar, agarrar-se, seguir com os olhos e chorar), cuja função é chamar a atenção da mãe e estimular uma resposta materna.

Embora o bebê humano venha ao mundo programado para apegar-se a um cuidador, é necessário que este seja responsivo e disponível para que se desenvolva um padrão de apego seguro (Bowlby, 1969/1984; Brazelton, 1988).

Nasio (1995) completa sobre a importância das funções maternas descrevendo-as: a apresentação do objeto, o *holding* e o *handling*, que são tarefas simultaneamente exercidas, teoria essa, compartilhada por Winnicott (1978).

Winnicott (1975a,) considera que o equilíbrio emocional do bebê depende do investimento emocional 'suficientemente bom' por parte da mãe.

A mãe 'suficientemente boa' é aquela que exerce a função materna, podendo ser definida como a mãe boa comum que, com sua habilidade em fazer adaptação ativa às necessidades do bebê, produzida por sua dedicação e por meio da identificação, sabe quais as necessidades do mesmo. Dessa forma, uma provisão ambiental adequada permite que "o bebê comece a existir, a ter experiências, a construir um ego pessoal, dominar as pulsões e enfrentar as dificuldades inerentes à vida" (Winnicott, 1978, p. 497). Tudo isso é sentido como real pela criança que, em consequência, pode tornar-se capaz de desenvolver-se verdadeiramente.

No estágio de apresentação do objeto, a mãe, que parece estar disponível, permite que o bebê adquira no correr das mamadeiras a capacidade de assumir relações estimulantes com as coisas e com as pessoas.

No estágio de *holding*, a mãe que no início dá sustentação física ao bebê, passa aos poucos para a sustentação psíquica. Esta sustentação consiste em dar esteio ao eu do bebê.

No estágio final, de *handling*, a mãe que cuida do corpo do bebê permite que este realize uma união entre a vida psíquica e seu corpo.



Da mesma forma, considera-se importante entender o processo de interação entre mãe e criança, quando existe o fato de um bebê nascer com deficiência. Neste caso, as angústias que vão envolver todo este processo podem comprometer a interação da mãe com o bebê uma vez que a adaptação da família frente ao fato de ter um filho com deficiência apresenta uma série de variáveis que influenciam esta parceria mais notadamente no início do nascimento quando os pais são informados que têm uma criança com deficiência (Winnicott, 1978).

Nesta ocasião, a família desempenha um importante papel na vida da criança, pois, dependendo de como a família interage com o bebê, podem ser encontrados resultados diferenciados em relação ao desenvolvimento emocional, motor, cognitivo e verbal da criança.

São os sentimentos que emergem dessa situação a ser vivenciada que dará os contornos e as significações das relações intersubjetivas entre mães e seus bebês.

Por outro lado, quando a mãe não é 'suficientemente boa', isto é, não consegue adaptar-se ativamente às necessidades de seu filho e, portanto, não percebe as necessidades do mesmo, acaba prejudicando o desenvolvimento do self verdadeiro do bebê. Com isso há pouca probabilidade de que o desenvolvimento emocional do bebê seja alicerçado de modo tal, que em sua vida posterior, possa ostentar uma personalidade rica e estável, suscetível não só de adaptar-se ao mundo, mas também de participar de um mundo que exige adaptação (Winnicott, 1978).

É importante ressaltar que a mãe suficientemente boa e dedicada não é perfeita e deve inevitavelmente falhar com o bebê, o qual é complacente com as falhas maternas.

O desenvolvimento emocional depende também da capacidade da mãe para um 'espelhar afetivo'. Quando está deprimida ou incapaz de refletir para o filho o encanto e o prazer que tem em relação a ele, o desenvolvimento da criança pode ser influenciado de várias formas patológicas. Winnicott (1975b, p.154) descreve o papel vital do 'espelhar', indagando: "o que vê o bebê quando olha para o rosto da mãe?", sugerindo que é a si próprio que ele enxerga. Essa é a maneira de o autor dizer que o orgulho e a alegria da mãe com o filho serão refletidos em seu rosto e a vivência desse reflexo forma a base para os sentimentos de bem-estar e segurança do bebê.

Um fator que pode comprometer seriamente o vínculo mãe-filho é o nascimento de um bebê com deficiência. Esse fato desperta nas mães sentimentos intensos de dor, desapontamento, culpa, confusão mental, medo e uma sensação geral de incapacidade e impotência, o que geralmente a faz afastar-se da criança, não se adaptando ativamente às suas necessidades e não conseguindo promover o *holding*, e o *handling*.

A literatura estudada revela que falhas na interação social afetam a capacidade de resposta social do bebê ao ambiente, influenciando conseqüentemente seu desenvolvimento. A deficiência é uma das variáveis que pode comprometer este vínculo.

Amiralian & Becker (1992) ressaltam que com o bebê com deficiência, a mãe terá dificuldade em descobrir as pistas que expressam as suas necessidades, além do que muitas vezes as falhas inerentes à própria deficiência comprometem de fato estas pistas e provocam do um abismo, um desencontro entre mãe e bebê comprometendo o vínculo necessário à intersubjetividade.

Winnicott (1989) concorda que mesmo quando o bebê apresenta um déficit constitucional, este sendo amado e desejado pela mãe poderá ter assegurado um desenvolvimento emocional satisfatório.

Mesmo ciente de estar implícita a subjetividade dos autores, eles convergem para a idéia de que o bebê, com sua capacidade intersubjetiva, tem na mãe um elemento mediador no seu processo de integração social e de desenvolvimento, sendo esta a facilitadora do processo desde que encontre as pistas necessárias para esta vinculação.

Estudos mais recentes corroboram com estes estudos dos autores acima discutidos.

No estudo sobre os bebês e suas mães, Corkum (1998) enfatiza que a atenção voltada a objetos e eventos do mundo é essencial para a criança poder compartilhar experiências com os outros, negociando sempre seus significados.

Nos episódios de atenção partilhada, a visão promove um contexto para o desenvolvimento do conhecimento sobre o mundo e as pessoas, favorecendo assim também, o desenvolvimento da interação comunicativa entre crianças e adultos.

Em virtude de seu desenvolvimento, as crianças em seus primeiros atos sociais e comunicativos, têm a atenção partilhada como componente central para que isso propicie uma atenção em direção a um 'outro', ou a um objeto de interesse.

Esta atenção é a legitimidade da existência da intersubjetividade e mostra o início de uma consciência social infantil. As crianças parecem mostrar que estão cientes da possibilidade de compartilhar com 'outros'.

Embora, no sentido exato, a atenção não dependa da fixação visual, existem várias formas de acontecer a atenção partilhada, sendo talvez a mais simples forma de atenção, a de articulação visual, ou seja, "olhando onde a pessoa está olhando". Para que isto aconteça, é necessária uma intensidade na interação mãe-criança, onde a mãe segure a direção do olhar do outro.

Conclui-se que isso só se torna possível devido à habilidade do adulto em reconhecer para onde a criança está olhando.

Segundo Striano (2001) o fim do primeiro ano marca uma transição importante na infância de qualquer ser humano. Ao redor deste tempo, elas começam a se empenhar para uma variedade de comportamentos intencionais, que antes não estavam claramente presentes. Além disso, a autora traz que crianças são seres sociais sofisticados, prontamente capazes de formar expectativas e propensos a se relacionar, perceber e entender os outros como agentes intencionais.

Esse tema mostra a importância da cognição social humana e com isso podemos pensar qual a sua origem.

Striano (2001) sugere que as habilidades cognitivas sociais das crianças emergem, ou seja, têm suas raízes, nas primeiras interações (díade), e em expectativas que estão começando a serem construídas durante os primeiros meses de vida.

A sensibilidade para se relacionar com pessoas é de fundamental importância para a sua interação, pois ajuda a compreender intenções e motivos que guiarão o comportamento das outras pessoas (Striano 2001). Como exemplo de sensibilidade, pode ser citada a capacidade de distinguir as variedades de expressões faciais realizadas pelas pessoas, que se torna um precursor necessário para reconhecer o significado subentendido das emoções e prever como as pessoas se comportarão no futuro.

A pesquisa de Striano demonstra que a habilidade das crianças para discriminar expressões faciais pode estar relacionada com a qualidade de suas experiências interativas, normalmente vinculada à sua mãe. Quando essa experiência interativa se dá com mães deprimidas, a criança apresenta maior dificuldade de discriminação facial.

Contudo, a pesquisa ainda demonstra que crianças são mais sensíveis em reconhecer contingências interpessoais de suas mães, do que a de alguém fora do seu meio familiar.

### 2.3 Conceito de deficiência

Ao conceituar deficiência, é importante ressaltar que, no decorrer da história da humanidade, a deficiência tem sido encarada de diferentes maneiras e os indivíduos que a possuem têm ocupado diferentes lugares; sobre eles pairam diversos olhares e possibilidades de vida. Já foram mortos sumariamente, abandonados, confinados em condições subumanas, foram também divinizados, mas sempre 'olhados' como diferentes e de forma bastante estigmatizada, até mesmo quando se pretende encobrir ou minimizar suas limitações. A deficiência é primeiramente um rótulo imbuído de inúmeros preconceitos presentes na cultura.

Definido por Ribas (1985) como uma pessoa cujo estado físico ou mental é eventualmente limitador, o deficiente é geralmente encaminhado a instituições que trabalham no sentido de integrá-lo, mas que na verdade acabam trabalhando com o indivíduo e não com a sociedade

Mannoni (1995) chama à atenção para este mesmo conceito em relação à família do deficiente, apontando que é fundamental que se observe o fato de que pode ser insuportável, para os pais, o diagnóstico da deficiência do filho. Existe a necessidade de dar aos pais uma perspectiva de humanidade, para que haja chance deste filho ser introduzido na ordem do que é humano e, desta forma, não haverá uma perspectiva real de vida, e, portanto, de desenvolvimento.

A deficiência vem assim, no decorrer da história da humanidade, ocupando diferentes lugares, olhares e possibilidades.

Segundo Caiado (1993), nas sociedades antigas, os deficientes e as crianças com outros tipos de anomalias eram exterminadas, ou por outro lado, glorificadas, e desta forma concepção por concepção ao longo da história da humanidade, até chegarmos ao século XXI, que ainda aponta um abismo entre as propostas teóricas da educação inclusiva e sua prática. O estigma arraigado deste preconceito ainda permeia a sociedade atual. É importante ressaltar que estas concepções mesmo passando de um âmbito assistencialista para um âmbito mais pedagógico e de reabilitação, não eximem a conceituação do deficiente de acidentados e tortuosos percursos.

O atendimento às pessoas deficientes, no Brasil deu-se no século XIX, por iniciativas oficiais e particulares isoladas, refletindo o interesse de alguns educadores pelo atendimento educacional, inspirados por experiências européias e norte-americanas (Mazzotta, 2001).

A defesa da cidadania e do direito à educação das pessoas deficientes é atitude muito recente em nossa sociedade. Manifestando-se através de medidas isoladas, de indivíduos ou grupos, a conquista e o reconhecimento de alguns direitos das pessoas deficientes podem ser identificados como elementos integrantes de políticas sociais, a partir de meados deste século (Mazzotta, 2001).

Na verdade, o que traz inúmeros problemas para a criança com deficiência são, sem dúvida as suas relações, ocorrendo a partir do seu nascimento já que estão ligados a uma organização sócio-cultural que envolve a família, a escola e outros afins

sociais e culturais que acabam de alguma forma sempre influenciando o seu desenvolvimento global.



### **3 - OBJETIVO GERAL**

O objetivo geral deste trabalho foi realizar um estudo observacional sobre a interação de mães de crianças deficientes e seus filhos, nos primeiros anos de vida em três situações do cotidiano (alimentação, recreação e banho/higiene), para compreender como as mães lidam com a deficiência e como as crianças atuam nessa relação.

#### **3.1 Objetivos específicos**

- Observar as interações entre as mães e filhos deficientes no cotidiano da alimentação;
- Observar as interações entre mães e filhos deficientes no cotidiano da recreação;
- Observar as interações entre mães e filhos deficientes no cotidiano de banho/higiene;
- Analisar como as mães lidam com a deficiência de seus filhos;
- Analisar como as crianças com deficiência atuam nessa relação.

## 4 - MÉTODO

Para compreender as interações entre mães e suas crianças deficientes foi feita a opção metodológica pautada em diretrizes da abordagem qualitativa de investigação. Tal abordagem envolve uma ação reflexiva do investigador que possibilita uma ressignificação constante dos dados e uma busca teórica incessante para dar novo sentido ao que está sendo encontrado, durante todo o processo do estudo.

### 4.1 Participantes

Foram participantes deste estudo 4 mães e seus filhos deficientes, de ambos os sexos, cada díade composta da seguinte forma:

1. Mãe e filho com 1 ano e 4 meses – Deficiência Mental Moderada e Transtorno Mental
2. Mãe e filha com 1 ano e 3 meses – Síndrome de Down
3. Mãe e filho com 2 anos e 8 meses – Paralisia Cerebral
4. Mãe e filha com 2 anos – Deficiência Mental não Especificada, cega, microcefálica, episódios epiléticos.

A escolha dessa faixa etária se deu pelas dificuldades que as mães relatam encontrar com a deficiência dos filhos nos primeiros dois anos de vida.

Os diagnósticos da deficiência foram relatados à pesquisadora pela secretária da instituição, tendo esse diagnóstico sido realizado por uma equipe de profissionais, dentre eles, neurologista, psicólogo e pedagogo.

O tipo de deficiência não foi considerado como critério de exclusão, já que o objetivo era o de estudar a interação de mães com as crianças deficientes, independentemente do tipo de deficiência apresentada.

Além disso, não houve padronização das ações, alimentação, recreação banho/higiene.

O número de participantes justificou-se por tratar-se de um estudo qualitativo, demandando muitas horas de análise de vídeos, considerando o tempo disponível para a conclusão do Mestrado.

As crianças freqüentam uma instituição especializada no atendimento de crianças deficientes num município do interior de São Paulo.

#### **4.2 Instrumentos**

1. Carta de Informação aos Participantes da Pesquisa e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (modelo em Anexo I)
2. Filmadora digital Super JVC GR-SXM 367 UB
3. Computador Pentium 4, 3.0GHz, 512MB + Monitor 17"

### 4.3 Procedimentos

A pesquisadora primeiramente entrou em contato com a diretora da instituição especializada, sendo essa instituição a única do município que tem alunos na faixa etária necessária para estudos dessa pesquisa. Além disso, foi explicada a importância da contribuição e participação de algumas crianças e suas mães nesse estudo. Posteriormente, as mães foram convidadas a participar da pesquisa, juntamente com seus filhos, através do contato telefônico feito pela própria pesquisadora, no qual explicava a proposta da participação na pesquisa.

Dessa forma, a pesquisadora pediu para que cada uma das mães disponibilizasse datas e horários para início das filmagens.

Após a leitura da Carta de Intenções aos Participantes da Pesquisa, em que foram informadas sobre seus objetivos, assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual se pediu a sessão de imagens, constando o sigilo em relação à identidade dos participantes, a possibilidade de se retirarem da pesquisa a qualquer momento que o desejarem e à inexistência de riscos para os participantes.

Em seguida, foram agendadas sessões de filmagem nas residências das mães, em horários mais convenientes a estas.

As filmagens duraram cerca de 30 minutos e cada díade foi filmada em três situações diferentes: alimentação, recreação e banho/higiene da criança; para se observar a interação em momentos diversos da vida cotidiana.

Foram realizadas três sessões de filmagem. A primeira sessão serviu como *rapport* inicial entre os participantes e o pesquisador, para adaptá-los à situação de

filmagem. As duas sessões posteriores, realizadas em semanas consecutivas, serviram efetivamente para a coleta de informações.

#### **4.4 Análise das Informações**

As filmagens foram copiadas em DVD e as imagens analisadas quadro a quadro, com o auxílio de um computador a partir de um roteiro de observação adaptado do trabalho de Fiamenghi (1999).

Foi realizada uma análise qualitativa, a partir dos dados obtidos, sendo considerado o tempo total das filmagens, enfatizando como cada interação ocorre.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Presbiteriana Mackenzie, parecer CEP/UPM nº.923/05/065 e CAAE, nº.0026.0.272.000-06.

## 5 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

A proposta das filmagens buscou o entendimento de como são estabelecidas as interações entre mães e suas crianças deficientes e de como ambos compartilham dos estados intersubjetivos. Dessa maneira, procurou-se compreender como são eliciados os comportamentos e sentimentos da mãe com seus filhos nas três situações propostas.

Durante as análises dos vídeos atentou-se aos comportamentos sócio comunicativos mãe-criança, envolvendo busca de assistência, compartilhamento de interesses e atividades e estratégias maternas para engajar a criança nas atividades. A codificação foi feita com o auxílio de um computador, após os vídeos serem digitalizados para DVDs, para facilitar a movimentação quadro a quadro dos filmes. O tipo de registro escolhido foi por intervalos de segundos. O sistema de codificação por intervalos é útil e rápido, quando se lida com análise qualitativa de vídeos, pois isso demanda horas de observação. Outra de suas vantagens é que fornece informações sobre como as díades utilizaram o tempo de interação, possibilitando informações sobre a seqüência dos comportamentos examinados. A principal limitação é a ocorrência de certa interrupção no *fluxo da interação*, já que os comportamentos são exclusivos e exaustivos, nem sempre refletindo o que de fato ocorreu. Os nomes foram modificados para garantir o anonimato dos participantes.

### 5.1 Vídeo 1 (João, 1 ano e 4 meses)

Na situação de alimentação, é possível observar que a mãe mantém-se distante física e emocionalmente da criança, havendo uma escassez de toques, de troca de olhares, pouco acolhimento tanto corporal, como afetivo, além de poucas verbalizações (Ver Anexo IV).

Também se observa nos comportamentos bruscos da mãe ao tirar a criança da cadeira, e ao dizer à mesma que o alimento acabou, certa irritabilidade na ação de alimentá-la e isso fica evidente quando a criança chora. Esse estado emocional da mãe também é observado quando ela se levanta da cadeira e fica de costas para seu filho, enquanto o mesmo chora querendo comer mais, além do momento em que dá água da torneira para seu filho beber.

De acordo com a teoria da Intersubjetividade Inata, a dificuldade de investimento afetivo na interação mãe-criança, poderá acarretar dificuldades na criança em seu desenvolvimento físico, social e psíquico (Cramer, 1993).

Pode-se imaginar o seguinte: o bebê estende a mão para um brinquedo ou alimento mas, no processo de alcançá-lo, olha para a mãe por uma fração de segundo. Está procurando, não uma permissão, mas algo mais. Procura uma confirmação de que esse desejo, esse gesto espontâneo realmente lhe pertence. De que sente o que sente, e é nesse sentido que a teoria da intersubjetividade se confirma (Viorst, 2006).

Nesse momento delicado e sutil, a presença receptiva e também não intrusiva da mãe, permite que o bebê tenha confiança no seu desejo: 'Sim, eu quero

isto. Quero-o realmente'. Tendo confirmado esse nascente senso do eu, confirmada essa 'conscientização do eu', o bebê continua o movimento para apanhar o brinquedo ou o alimento.

Mas se a mãe responde à pergunta dos olhos da criança sem entender sua necessidade, ou confundindo-a com as dela, a criança não pode confiar na verdade do que sente ou do que faz. A falta de harmonia pode fazer com que a criança se sinta repudiada, maltratada e suas limitações reforçadas (Viorst, 2006).

Na situação de recreação, percebe-se desde o início que brincar com a criança não faz parte do seu dia-a-dia, pois há dificuldade da mãe em escolher brinquedos e iniciar uma brincadeira com o filho (de qualquer maneira, isso foi verbalizado pela mãe: de que brincar com os filhos é tarefa do marido, não dela). Diversas vezes a criança tenta brincar com o jogo de encaixe e mostra que sente dificuldade, e mesmo assim há pouca sensibilidade por parte da mãe, que quase não estimula a criança e nem proporciona apoio para que a criança obtenha sucesso na realização da brincadeira.

Em alguns momentos, é possível perceber um esforço da mãe tentando reforçar positivamente as atitudes corretas da criança, mesmo parecendo um reforço mais mecânico do que afetivo, como através do bater palmas quando o filho consegue realizar adequadamente o que ela propõe. Em contrapartida, em muitos momentos a mãe demonstra pouca paciência quando a criança não consegue realizar corretamente o que é proposto, sendo que isso fica evidente ao retirar os brinquedos da mão da criança, com firmeza, do pouco espaço que a mãe oferece para a criança



tentar por conta própria inventar brincadeiras, ou brincar do seu jeito e na própria escassez de toques e trocas de olhares que mantém com o filho durante as brincadeiras.

Ao brincar na terra, a pá de brinquedo que a mãe oferece à criança, parece pesada, já que se trata de uma criança hipotônica, isto é, com falta força nos músculos, e a mãe insiste muitas vezes em que a criança consiga brincar de acordo com o modelo por ela oferecido. Quando a criança não consegue, a mãe sempre retira o brinquedo da mão da criança e demonstra, em seus comportamentos, que fica insatisfeita com o “fracasso ou insucesso” do filho. Com isso, a brincadeira torna-se desestimulante, o que faz a criança ao invés de se interessar pelo brinquedo, tentar algumas vezes ‘comer terra’. Nesses momentos, a mãe nem olha para a criança, apenas ri da situação e nem sequer limpa a boca do filho.

Nessa situação, foi possível compreender as dificuldades que essa mãe demonstra em conseguir estabelecer momentos de interações positivas com seu filho. Essa dificuldade poderá afetar negativamente os sentimentos e a auto-estima dessa criança (Cramer, 1993).

Além disso, o estabelecimento do apego mãe-criança poderá ficar comprometido o que pode gerar grandes dificuldades no desenvolvimento emocional dessa criança, como também em sua socialização (Bowlby, 1995).

Na situação de higiene observa-se, de início que a mãe se coloca de costas para o bebê, o que dificulta o compartilhamento de sentimentos nesse momento, além de novamente esse momento impedir a troca de olhares entre os dois, o que é

um fator de extrema importância para que a criança consiga interpretar e partilhar os sentimentos da mãe. Há uma distância física e afetiva da mãe em relação ao bebê. Além disso, o chuveiro permanece ligado, o que atrapalha o diálogo que poderia se estabelecer entre ambos. Também se nota que não há nenhum brinquedo para a criança e ela começa a brincar com o sabonete. A mãe pega uma saboneteira para o filho, mas ele continua interessado no sabonete e ao pegá-lo, coloca a mão nos olhos e começa a chorar e a mãe se irrita com esse comportamento da criança. Ao retirar a criança da banheira, a mãe pega a criança, segura-a, mantendo-a distante de seu corpo e novamente de costas para ela, não permitindo mais uma vez, o compartilhamento dessa situação, que poderia proporcionar prazer a ambos.

De acordo com Devine (1993), a comunicação entre a mãe e a criança pode acontecer de múltiplas formas, como através de expressões faciais, movimentos corporais, gestos e olhares. Complementando tais idéias, Corkum (1998), enfatiza a importância da atenção partilhada, valorizando que a visão promove um contexto para a criança que facilita seu desenvolvimento, assim como facilita seu conhecimento sobre o mundo e as pessoas, favorecendo assim também o desenvolvimento da interação comunicativa entre as crianças e os adultos.

Portanto, a dificuldade demonstrada por essa mãe na questão de trocas de olhares com seu filho, pode acarretar um grande prejuízo em vários aspectos da vida futura do bebê.

Ao colocar a criança sobre a cama, a mãe começa a passar creme nela, e quando a criança coloca a mão sobre o pênis, a mãe dá um tapa na mão do filho para

ele retirar a mão. A criança leva um pote de creme à boca e com gestos bruscos a mãe o retira das mãos do filho, além de manter um olhar para a criança na qual demonstra raiva. Inclusive, a mãe fala: *“O que você está olhando, eu não tenho medo de cara feia, principalmente da sua”!* (A criança balbucia durante a troca de roupa e a mãe nomeia isso, como reclamações da criança).

Após o banho, a mãe coloca a criança no sofá e vai preparar uma mamadeira para ele, e a entrega, sem nem mesmo verificar a temperatura. A mãe fala: *“Será que está quente?”*, mas entrega a mamadeira e espera para ver se o filho vai reclamar ou não. Também é nessa situação que se percebe um momento de afetividade em relação à criança, quando a mãe faz carinho nas pernas do filho, e brinca de ‘esconde e aparece’ com o filho, uma brincadeira que surge espontaneamente e que parece trazer prazer a ambos. (Ver Anexo V).

Durante toda a filmagem, pode-se concluir que a mãe, apesar das chances de trocas afetivas que teve em relação ao filho, perdeu muitas oportunidades de proporcionar a si e ao filho atitudes carinhosas e acolhedoras (Nasio, 1995).

## **5.2 Vídeo 2 (Maria, 1 ano e 3 meses)**

Foi possível observar dificuldades relacionadas à estrutura física da casa e à quantidade de pessoas que dividem a mesma residência, o que muitas vezes atrapalhou a realização das filmagens.

Na situação de alimentação, é possível verificar que na casa não existe um local, com mesa, cadeiras, que sirva de referência para esse momento. Isso fica

evidente na filmagem, pois a mãe inicia a alimentação da criança, em pé, com o bebê em seu colo, e o término da refeição a mãe muda várias vezes de lugar com a criança. Evidencia-se, também, uma ausência de rotina no momento da alimentação, sendo que cada pessoa da casa come em lugares diferentes e a qualquer hora. Durante a alimentação, a criança, que tem Síndrome de Down, sempre está prestando atenção aos movimentos e agitação ao seu redor. Por um lado, isso faz com que a criança seja bastante estimulada porque é tratada e educada como são as demais crianças dessa família, ou seja, sem exclusão e sem diferença. Ainda durante a alimentação, observa-se que a maneira como a mãe está dando comida à criança, começa a ficar desconfortável, então a mãe vai para um quarto, coloca a filha em cima da cama e continua a alimentá-la (Ver Anexo VI).

É importante ressaltar que, durante esse momento, a mãe procura manter contato com a criança por olhares e por vocalizações. Ainda, nesse mesmo contexto, a mãe termina de dar comida à criança sentada com a criança em seu colo, em uma cadeira, do lado de fora da casa. Isso acontece devido à quantidade de pessoas que estão na casa e em um mesmo lugar, o que dificulta a interação entre mãe-criança. Nessa situação, a criança permanece no colo da mãe, mas de costas para ela, e em vários momentos, é possível observar, que a criança busca a mãe com seu olhar, seja com a mãe chamando-a pelo nome, ou não. Percebe-se que, mesmo com a agitação da casa e das pessoas, a criança sempre busca uma referência de conforto e segurança em sua mãe, o que possibilita pensar que existe uma interação positiva

entre ambas e que as mensagens intersubjetivas que mãe e criança compartilham estão em sintonia (Spitz, 1979).

Após terminar de dar comida à filha, a mãe pega-a em seu colo, e dá guaraná na mamadeira para ela, segurando-a em seus braços e fazendo movimentos acolhedores. Pode-se observar que a mãe cuida dessa criança de uma maneira amável, mas muitas vezes 'automática', sem considerar as dificuldades da criança, o que de alguma forma facilita a relação entre mãe e filha, pois a mãe parece compreender sua criança com capacidades de interação, expressão e trocas intersubjetivas. Isso pode estar relacionado ao fato, de a mãe ter outros filhos, e já ter experienciado com eles dificuldades e prazeres na relação mãe- bebê.

Durante a observação da interação da mãe com sua criança, fica evidente nessa díade, que a mãe compreende seu bebê como um ser motivado, equipado e desejoso para participar de uma vida social (Fiamenghi, 1999). (Ver Anexo VII).

Dessa maneira, define-se interação como "a reação recíproca de dois fenômenos" (Mazet e cols., 1989, p.19), acentuando-se a noção de reciprocidade e interdependência entre eles, e partindo-se do princípio de que a relação do bebê com o círculo maternante se dá em um processo bidirecional. A interação é considerada então, de forma geral, como um processo constituído por um "conjunto de fenômenos dinâmicos que ocorrem ao longo do tempo entre o bebê e sua mãe" (Mazet e cols., 1989, p. 20).

Nesse processo interativo, o bebê não é apenas submetido às influências do ambiente, mas é também um parceiro ativo que gera importantes modificações no

seu meio, cabendo muitas vezes, primordialmente a mãe interpretar as necessidades físicas e psíquicas da criança, e contribuir no sentido de atendê-la favorecendo a regulação das emoções e necessidades da criança. Portanto a interação se dá em um interjogo entre parceiros, no qual um influencia o outro em um processo contínuo de desenvolvimento, a partir de mecanismos de regulação recíproca.

Na situação de recreação, observa-se que a criança quase não tem brinquedos e aqueles que possui são pouco estimulantes para sua idade. Acontece que a criança está sempre envolvida com os adultos e as outras crianças que moram na casa, o que a acaba estimulando em alguns aspectos positivos, como na facilidade do seu desenvolvimento social, o que futuramente poderá ser reproduzido em novas relações. Mas, por outro lado, podem existir necessidades individuais dessa criança, importantes para seu desenvolvimento físico e emocional, e que muitas vezes podem passar despercebidas pelos familiares e pela própria mãe.

Da maneira que foi possível observar durante a filmagem desse momento, percebe-se que a criança gostou de brincar com uma bolinha pequena que faz barulho. Observa-se também que a mãe tem certa dificuldade em ser criativa, ou seja, existe uma dificuldade mesmo com os recursos que se tem, de inventar e reinventar histórias e brincadeiras apropriadas para a criança.

Existe um momento em que a mãe começa a bater palmas, estimulando a filha a imitar esse comportamento, como quando a mãe pega as mãos da criança ajudando-a a bater palmas, e a mesma parece gostar ao sorrir e começa a imitar a mãe.

Ainda durante esse momento a mãe tenta fazer com que a filha se interesse por um ursinho de pelúcia grande, mas a criança não estabelece nenhum tipo de contato com ele. A mãe pega a filha em seu colo e começa a cantar e brincar com ela, beijando-a, fazendo barulhos com a boca e a criança parece gostar e sentir prazer nesse momento, pois sorri, e imita a mãe, tentando fazer barulhos com sua boca (Beebe, 1982) (Ver Anexo VIII).

Na situação de banho/higiene, observa-se também, que não existe um lugar apropriado e rotineiro para esse momento. A mãe dá banho na criança na banheira em cima da cama, e sempre com muitas pessoas ao seu redor. A criança nessa situação apresenta maiores comportamentos de troca com a mãe, fazendo muitos balbucios, como se estivesse estabelecendo um diálogo com a mãe, na tentativa de expressar desconfortos e prazeres. Portanto, esse é um momento do qual a criança parece gostar muito.

Ao lavar a criança, observa-se que a mãe toca a mesma com carinho, mas estabelece um diálogo pobre, apenas fazendo nomeações das partes do corpo da criança.

É importante relatar que não apenas nessa situação, como nas situações de filmagens anteriores, a criança sempre busca a mãe com seu olhar, além de sempre se voltar à mãe, quando a mesma chama por seu nome (Corkum, 1998).

Quando a mãe está colocando a roupa na criança, ela parece o tempo todo 'conversar com a mãe', através do olhar, do corpo e dos balbucios (Devine, 1993).

### 5.3 Vídeo 3 (Caio, 2 anos e 8 meses)

Na situação de alimentação, é importante salientar que a criança está iniciando uma alimentação via oral, apenas comendo gelatina e tomando leite, já que havia feito uma cirurgia devido ao refluxo, e há cerca de um ano vem recebendo alimento por uma sonda fixada na região abdominal.

A mãe ao dar gelatina para o filho comer, senta-se em uma cadeira e com o filho em seu colo e próximo a seu corpo inicia a alimentação. O tempo todo, a mãe conversa com o filho, e a criança dá sinais de que não quer mais comer, enrijecendo o corpo, e fazendo expressões de desconforto. Durante esse momento fica possível observar que a criança vai deitando no colo da mãe, por um impedimento em sustentar o próprio corpo, o que pode dificultar a alimentação.

Na situação de recreação, a mãe coloca o filho deitado na cama, até porque ele não consegue sustentar o corpo sentado. Também existe uma escassez de brinquedos que possam servir para estimular cognitivamente e emocionalmente a criança. Nota-se que a criança expressa, através de sorrisos, prazer nas brincadeiras de mudar os tons das vozes, que a mãe e o pai emitam (Viorst, 2006).

Tanto nesse momento, como nos outros, foi importante observar que o pai tem um papel importante nessa relação, tanto de apoio para a mãe, como de segurança para o filho, sendo que esse fator pode vir a facilitar as interações estabelecidas entre mãe-criança (Viorst, 2006).

Na situação de higiene, foi possível observar que a mãe tem uma grande preocupação com a sonda que a criança tem na região abdominal. Também, nessa



situação, mãe conversa bastante com o filho. Percebe-se que a mãe tem movimentos bastante rudes, chegando às vezes a ser brusca, ao tocar e lavar a criança. Ou seja, mesmo a mãe relatando palavras de carinho e conforto, muitas vezes seus comportamentos e ações para com o filho, expressam outra coisa. Esse fato pode fazer com que a criança receba 'duplas mensagens' da mãe nas interações em que ambas estão em contato, o que pode vir a dificultar a construção interna por parte da criança, das simbologias definidas dos sentimentos e emoções (Fiamenghi, 1997b).

No momento do banho/higiene, a mãe deixa o chuveiro desligado, e sempre que a criança enrijece o corpo e faz cara de desconforto, a mãe interpreta isso, para si e para a criança, como se a criança estivesse nervosa.

Fica importante salientar que, em todas as situações de filmagens, no momento em que a criança enrijece o corpo, isso parece servir para expressar algum desconforto, e também para se proteger. Também fica evidente o fato de se observar que essa mãe tem amor pelo filho, e preocupação com seu bem estar. Mais muitas vezes, a mãe demonstra dificuldade de empatia para com o filho, e dificuldade de compreender e interpretar suas emoções. Além disso, a mãe não demonstrou em ações comportamentais amor e importância pelo bebê como beijos e abraços. Talvez isso aconteça pela escassez de trocas afetivas (pouca troca de olhar, toque, etc), pois a criança demonstrou limitações devido à sua deficiência, o que pode dificultar para a mãe uma maior aproximação emocional (Ver Anexo XI).

#### 5.4 Vídeo 4 (Vitória, 2 anos)

Na situação de alimentação, é possível observar que a mãe mantém-se física e emocionalmente bem próxima à filha, o que facilita a troca afetiva entre ambas. Isso é percebido pelos toques carinhosos que a mãe faz à filha, pelos diálogos que a mãe estabelece, e também pelas nomeações das sensações que a mãe fala que a criança sente. Da mesma forma, apesar das dificuldades de interação e reciprocidade em comportamentos físicos da filha para com sua mãe, devido ao comprometimento da criança, é possível perceber não somente no momento da alimentação, como em outros momentos, expressões de contentamento, como sorrisos, gestos de prazer, externalizados pela criança. Vale a pena ressaltar que essa díade mostra grande sintonia em suas interações, pois ambas se percebem como pessoas que possuem uma intersubjetividade e que apesar das dificuldades impostas, o amor possibilita a que a mãe compreenda esse bebê como um ser motivado, com necessidades, desejos e capacidade das trocas mais íntimas e profundas (Fiamenghi, 1999).

No momento da alimentação a mãe relata indignada como o médico descreveu que seria sua filha ao nascer: *“Seu bebê será um monstro!”*. A mãe conta sobre as limitações da criança, como foi possível observar durante a alimentação com os espasmos presentes. Mais esses relatos não são feitos em forma de lamentação, e sim como obstáculos a serem solucionados. Isso é observável nas massagens que a mãe faz na boca da criança, facilitando para a mesma mastigar e engolir o alimento. (Ver Anexo X).

Na situação de recreação foi observada maior dificuldade de interação da criança em externalizar seus comportamentos.

A mãe coloca músicas e canta para a filha, mantendo-a sempre próxima ao seu corpo. Procura dar apoio total à criança para facilitar que seus movimentos fiquem mais livres. A mãe mexe com o corpo da criança, mas ela permanece enrijecida.

É possível observar que a criança sorri quando a mãe vai cantando e nomeando partes do seu corpo, como orelhas, cabelos e nariz (Ver Anexo XI).

A mãe conta que a filha é cega, mas que sempre coloca filmes infantis para a criança poder ouvir os sons e ir conseguindo criar simbolicamente suas fantasias a respeito do que as sensações podem provocar (Winnicott, 1989).

Na situação de banho/higiene, desde o preparo do banho, observa-se que a mãe toca o corpo da criança de maneira suave e carinhosa e à medida que faz isso, também tem um tom de voz suave ao ir dialogando com a filha. Portanto, percebe-se que o comportamento externo da mãe está em sintonia com seus sentimentos internos, e com as mensagens intersubjetivas que passa à filha, que consegue captá-las com grande clareza, facilitando a compreensão dos sentimentos e emoções que a mãe sente por ela (Winnicott, 1978).

Durante o banho o chuveiro permanece desligado, o que facilita à criança escutar o que a mãe vai lhe falando. Dessa maneira, a mãe nomeia a filha cada parte do corpo que vai lavando, assim como também nomeia as sensações que imagina que a criança possa estar sentindo: *“Banho gostoso!”*; *“O que eu mais gosto é de água!”*.

Novamente esse comportamento da mãe e a reciprocidade da troca corporal da criança com a mãe, sinalizam que ambas conseguem compartilhar os estados intersubjetivos uma da outra, observando e reforçando que esse compartilhamento acontece em grande sintonia e demonstra grande prazer para a díade (Trevarthen,1974,1979,1984,1993a,1993b) (Ver Anexo XII).

A mãe, ao retirar a criança da banheira e começar a trocá-la, sempre mantém sua filha próxima a seu corpo, além de segurá-la de uma maneira acolhedora. No momento em que a mãe vai colocando a roupa na filha, continua a conversar com ela, e a criança demonstra satisfação ao sorrir para a mãe.

Durante toda a filmagem dos três momentos da mãe com seu bebê, o pai da criança estava sempre presente e interessado em ajudar e apoiar mãe-bebê quando necessário.

Além disso, em todas as situações de observação, há uma música suave ao fundo, proporcionando ao cotidiano da criança, algo mais tranqüilo e prazeroso, além de fornecer mais estímulos ambientais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre a interação entre mães e suas crianças deficientes mostrou-se, desde o início um trabalho encantador.

Ao se pensar na interação mãe-bebê, deve-se levar em consideração que as contribuições maternas e infantis dificilmente podem ser dissociadas ao se estudar essa díade, sendo importante contextualizar a contribuição de cada membro da própria díade como parte de outros contextos sociais.

Apesar dos avanços conceituais, muitos estudos têm se restringido a examinar os comportamentos de uma das partes da díade em interação, tendo em vista a dificuldade e a complexidade de se utilizarem propostas mais sofisticadas, como análise seqüencial, o que pode ter influenciado em limitações acerca dos resultados e discussão.

Além disso, o comportamento materno, em geral, constitui-se no primeiro contexto para o desenvolvimento do bebê, e por isto, continua merecendo atenção especial.

Esse estudo investigou tanto a interação mãe-criança deficiente, quanto a capacidade que os bebês possuem em compartilhar com suas mães estados intersubjetivos, examinando os comportamentos da mãe e da criança levando-se em consideração a qualidade dessa interação e a forma como o vínculo fica estabelecido.

Diante de um bebê 'diferente' podemos supor que, pelas dificuldades psíquicas muitas vezes enfrentadas pelas mães, esse processo de indeterminação e de

diferenciação se torne mais difícil de ser estabelecido, o que pode vir a prejudicar a interação assim como o desenvolvimento físico e emocional da criança.

A tentativa dessa pesquisa foi buscar compreender a melhor forma de investigar a qualidade da interação mãe-criança. Dessa forma, pela complexidade que envolve a interação, na situação específica de crianças com alguma deficiência, que por vezes reagem muito pouco às iniciativas maternas de interação, optou-se pela realização de filmagens e posterior análise seqüencial.

Concluindo, o estudo sobre interações mães e suas crianças deficientes, assim como o estudo aprofundado da teoria da intersubjetividade inata, tem-se mostrado um caminho muito rico para intervenções psicológicas nas dinâmicas familiares, possibilitando detectar precocemente dificuldades que possam vir a comprometer o desenvolvimento físico e psíquico da criança, assim como possível prevenção de futuros distúrbios de ordem patológica tanto na mãe como na criança.

Pretendeu-se com esse trabalho, contribuir com o acréscimo de conhecimento sobre o tema, despertando nas pessoas em geral, maior atenção para as dificuldades de interação que possam aparecer entre a mãe e sua criança deficiente, assim como a importância do estabelecimento do vínculo afetivo seguro entre mãe-criança para seu desenvolvimento psicológico posterior, ressaltando a necessidade da continuação de novos estudos com a intensidade e profundidade que o assunto merece.

Finalmente, com o retorno dos resultados desta pesquisa à instituição, o trabalho irá beneficiar não somente as famílias que fizeram parte dele, mas servirá de incentivo para outros profissionais, que também acreditam no potencial humano.

## REFERÊNCIAS

AINSWORTH, M. D. S., BLEHAR, M. C., WATERS, E. & WALL, S. *Patterns of attachment: A psychological study of the Strange Situation*. Hillsdale, New Jersey: Erlbaum, 1978.

AMIRALIAN, M. L. T. M.; BECKER, E. Deficiência congênita e autismo secundário: um risco psicológico. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, São Paulo, vol. II, n 2, p. 49-55, 1992.

BAILEY, D. B.; SKINNER, D.; CORREA, V.; ARCIA, E.; REYES-BLANES, M. E.; RODRIGUEZ, P.; VÁZQUEZ-MONTILLA, E. & SKINNER, M. Needs and supports reported by Latino families of young children with developmental disabilities. *American Journal of Mental Retardation*, 1999. 104(5), 437-451.

BEEBE, B. Micro-timing in mother-infant communication. In: M. Key (Ed.), *Non-verbal communication today: Current research*. NY, Mouton Publishers, 1982.

BOSA, C. A. & PICCININI, C.A. Temperamento infantil e o apego mãe-criança: Algumas considerações teóricas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 1994. 10, 193-212.

BOWLBY, J. *Child care and the growth of Love* (2nd edition) Harmondsworth: Penguin, 1965.

BOWLBY, J. *Apego e perda: Apego*. Vol 1. São Paulo: Martins Fontes, 1984 (Original publicado em 1969).

BOWLBY, J. *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

BRAZELTON, T. B. *O desenvolvimento do apego: uma família em formação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.



CAIADO, K. R. M. *Concepções sobre deficiência mental reveladas por alunos concluintes do curso de pedagogia – habilitação deficiência mental*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos, 1993.

CARVALHO, A. M. A. (1988). Algumas reflexões sobre o uso da categoria "interação social". *Anais da XVIII Reunião Anual de Psicologia* (pp. 511-516). Ribeirão Preto, São Paulo.

CORKUM, V. The Origins of Joint Visual attention in infants. *Infant Perception and Cognition*. Vol 34 (1), January; 1998; 28-38

CRAMER, B. *Profissão bebê*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

DARRAHT, J., EVANS, M. J. & ADKINS, R. How well are doing? Families of adolescents or young adults with cerebral palsy share their perceptions of service delivery. *Disability and Rehabilitation Journal*, 2002. 24 (10), 542-549.

DEVINE, M. *A fala do bebê*. Rio de Janeiro, Vozes, 1993.

FIAMENGHI, G. A. Intersubjectivity and infant-infant interaction: Imitation as a way of making contact. *Annual Report, Research and Clinical Centre for Child Development*, (1997a). 19: 15-21.

FIAMENGHI, G. A. *Infant-infant interactions: Understanding intersubjectivity and emotional expressions*. PhD Thesis. Department of Psychology. Edinburgh: The University of Edinburgh, (1997b).

FIAMENGHI, G. A. *Conversas dos bebês*. SP: Hucitec, 1999.

FREUD, A. & BURLINGHAM, D. Infants without families. Reports on the Hampstead nurseries. In: *The writings of Anna Freud. v. III (1939-1945)*. New York: International University Press, 1973.

GLASSCOCK, R. A phenomenological study of the experience of being a mother of a child with cerebral palsy. *Pediatric Nursing*, 2000. 26(4), 407-410.

HARLOW, H. F. *The nature of love*. *American Psychologist*, 13, 1958. 673-685.

KERR, S. M. & MCINTOSH, J. B. Coping when a child has a disability: Exploring the impact of parent-to-parent support. *Child: Care, Health and Development*, 2000. 26(40), 309-322.

KUGIUMUTZAKIS, G. Intersubjective vocal imitation in early mother-infant interaction. In: J. Nadel & L. Camaioni (Eds.), *New perspectives in early communicative development*. London, Routledge, 1993.

MANNONI, M. *A criança retardada e a mãe*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MARCHESE, D. M. A. *O nascimento do cidadão diferente: Prognóstico ou julgamento*. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2002.

MAZET, P., CUKIER-HEMEURY, F., LATOCH, J., ROSENBLUN, O. & SITBON, H. Étude historique et critique. Em S. Lebovici, P. Mazet & J. P. Visier (Orgs.), *L'évaluation dès interactions precoces entre lê bébé et sés partenaires* (p. 15-39). Paris: Eshel, 1989.

MAZZOTA, M. J. S. Dilemas e perspectivas da educação do portador de deficiência no novo milênio. *Anais do Fórum Nacional de Educação. Educação Brasileira no Século XXI: Desafios e perspectivas*. Anais... João Pessoa: 2001. p. 29-36.

MELTZOFF, A. Immediate and deferred imitation in fourteen- and twenty-four-month-old infants. *Child Development*, 1985. 56: 62-72.

MELTZOFF, A & MOORE, M. K. Imitation in newborn infants: Exploring the range of gestures imitated and the underlying mechanisms. *Developmental Psychology*, 1989. 25 (6): 954-962.

MURRAY, L. The impact of postnatal depression on infant development. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 1992. 33 (3): 543-561.

NAGY, E. & MOLNÁR, P. Homo Imitans or Homo Provocans? *International Journal of Psychophysiology*, 1994. 18 (2): 128.

NASIO, J.D. *Introdução às Obras de Freud,-Ferenczi-Groddeck-Klein-Winnicott-Dolto-Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995

ORTIZ, V.K.B. *Pais e seus filhos com síndrome de Down: Duas histórias de vida*. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie 2005.

PELCHAT, D.; BISSON, J.; RICARD, N; PERREAULT, M. & BOUCHARD, J.-M. Longitudinal effects of an early family intervention programme on the adaptation of parents of children with a disability. *International Journal of Nursing Studies*, 1999. 36, 465-477.

RIBAS, J.B.C. *O que são pessoas deficientes*. Brasiliense, 2. ed, 1985.

RODRIGUES, D. R. R. *Representação social dos pais a respeito da síndrome de Down*. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2005.

SCHORE, A. *Affect regulation and the origin of the self: The neurobiology of emotional development*. Hillsdale, NJ, Erlbaum, 1994.

SPITZ, R.A. *O primeiro ano de vida: Um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetivas*. São Paulo, Martins Fontes, 1979.

STERN, D. *The interpersonal world of the infant*. NY, Basic Books, 1985.

STRIANO, T. From social expectations to social cognition in early infancy. *Infant Behavior and Development*, 2001. 65, 361-370.

TREVARTHEN, C. Intersubjectivity and imitation in infants. *Proc.B.P.S. Annual Conference*, April, Bangor, 1974.

TREVARTHEN, C. Communication and cooperation in early infancy. A description of primary intersubjectivity. In M. Bullowa (Ed.), *Before speech: The beginnings of human communication*. London, Cambridge University Press, 1979.

TREVARTHEN, C. Emotions in infancy: Regulators of contact and relationship with persons. In: K. Scherer & P. Ekman (Eds.). *Approaches to emotion*. Hillsdale, Lawrence Erlbaum, 1984.

TREVARTHEN, C. Sharing makes sense: Intersubjectivity and the making of an infant's meaning. In: R. Steele & T. Treagold (Eds.), *Language topics: Essays in the honour of Michael Halliday*. Amsterdam Philadelphia: John Benjamins Pub. Co, 1987.

TREVARTHEN, C. Signs before speech. In: T. A. Sebeok & J. Umiker-Sebeok (eds.), *The semiotic web*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1990.

TREVARTHEN, C. The function of emotions in early infant communication and development. In: J. Nadel & L. Camaioni (Eds.), *New perspectives in early communicative development*. London: Routledge, (1993a).

TREVARTHEN, C. The self born in intersubjectivity: the psychology of an infant communication. In: U. Neisser (Ed.), *The perceived self*. Cambridge, Mass, Cambridge U. Press, (1993b).

TREVARTHEN, C. & HUBLEY, P. Secondary intersubjectivity: confidence, confiders, and acts of meaning in the first year. In A. Lock (Ed.), *Before speech: The beginning of interpersonal communication*. New York, Academic Press, 1978.

TRONICK, E. Z. Emotions and emotional communication in infants. *American Psychologist*, 1989. 44, 112-119.

VIORST J. *Perdas necessárias*. São Paulo: Abril, 2006.

WINNICOTT, D.W. *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar, (1975a).

WINNICOTT, D.W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, (1975b).

WINNICOTT, D.W. *Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

WINNICOTT, D. W. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.